

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
20 de Julho de 2024
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? - Futuro

BOOGIE NIGHTS / 1997 Boogie Nights - Jogos de Prazer

Um filme de Paul Thomas Anderson

Argumento: Paul Thomas Anderson / *Diretor de fotografia* (35mm, Panavision, DeLuxe): Robert Elswit / *Diretor artístico:* Ted Berner / *Cenários:* Sandry Struth / *Guarda-roupa:* Mark Bridges / *Música:* Michael Penn / *Coreografia:* Adam Shankman / *Montagem:* Dylan Tichenor / *Som:* Stephen Halbert / *Interpretação:* Mark Wahlberg (*Eddie Adams/Dirk Diggler*), Burt Reynolds (*Jack Horner*), Juliane Moore (*Amber Waves*), Heather Graham (*Rollergirl*), Philip Seymour Hoffmann (*Scotty*), Robert Ridgley (*o "Coronel"*), Don Cheadle (*Buck*), William H. Macy (*Little Bill*), John C. Reilly (*Reed Rothchild*), Alfred Molina (*Rahad Jackson*).

Produção: New Line Productions / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, versão original com legendas em português / *Duração:* 153 minutos / *Estreia em Portugal:* Lisboa, 1 de Maio de 1998 (cinemas Alfa, Amoreiras, Fonte Nova, Mundial e Colombo) / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 9 de Março de 2001, no âmbito do ciclo "Anos 90: Revelações".

A sessão tem lugar na Esplanada

*"Nos Estados Unidos o sexo está em toda a parte,
menos no sexo."
Roland Barthes*

Em 1997, quando este filme foi feito, aquilo a que por comodidade ainda chamávamos e continuamos a chamar *cinema* estava menos esvaído do que hoje. Entre os produtos de consumo de massa a que os norte-americanos ousam chamar *cultura popular* o cinema tinha uma posição preponderante, que perdeu pelo menos em parte porque o cinema industrial americano deixara de ser capaz de cumprir a parte mais simples do contrato entre um filme destinado ao "grande público" e este público: contar uma história, narrar uma ficção que mantenha desperta a atenção do espectador durante noventa ou cem minutos. A partir de meados dos anos 80, a maioria esmagadora dos assim chamados filmes passou a consistir em jogos de vídeo ampliados, embora em 1997 fosse muito mais barato, rápido e divertido ir a uma casa de jogos do que a um cinema ver um "filme" destes. Transformados, mais do que nunca, em simples correia de transmissão dos serviços de relações públicas das produtoras, os jornalistas que são designados *críticos* gastaram muito fôlego e muito tempo tentando convencer-se a si mesmos e ao próximo de que muitos realizadores medíocres eram grandes cineastas e que filmes destinados a serem esquecidos a partir do momento em que o projetor se apaga mereciam uma análise séria. Poucas vezes foi tão acertada a famosa observação de Pauline Kael: "*A única informação válida é a crítica. Tudo o mais é propaganda.*"

Mas é evidente que nesta paisagem após a batalha despontavam de vez em quando verdadeiros filmes, que não naufragavam naquele oceano de lixo. **Boogie Nights** é um destes filmes. Pode agradar tanto ao público que vê cinema nos centros comerciais como ao que prefere as salas "de rua" (nas raras cidades onde estas ainda existem) e que são duas raças bastante diferentes (impossível saber que efeito pode ter sobre aqueles que vêem fragmentos de filmes no computador). Tem no seu elenco atores como Juliane Moore, Philip Seymour Hoffman e Alfred Molina. Em duas horas e meia de cinema, Paul Thomas Anderson, então com 26 anos e futuro realizador de **Magnolia** e **There Will be Blood**, conta uma história (ou melhor, várias histórias simultâneas), retraça uma época num lugar específico e propõe uma variação peculiar sobre o tema americano por excelência: o famigerado *sonho americano*, que consiste em ficar rico seja por que meio for e célebre, nem que seja por quinze segundos. *America's business is business* (Donald

Trump que o diga)!

A destreza da realização de Paul Thomas Anderson (domínio das cenas de conjunto; ótima direcção de actores, à excepção da cena de ruptura entre o protagonista e a sua mãe; unidade estilística, através de situações muito diferentes) é ajudada pelo facto de **Boogie Nights** apoiar-se num sólido argumento, escrito pelo próprio realizador. O filme está dividido em duas partes nítidas, a dos anos 70, que mostra a ascensão do protagonista e a do grupo a que pertence; e a dos anos 80, período soturno e de decadência (a ruptura dá-se, de modo preciso e simbólico, no *réveillon* de 31 de Dezembro de 1979), antes do *happy end*, recomeço e espécie de redenção, que nada parece ter de irónico. **Boogie Nights** é "*um A Star is Born porno*", segundo a divertida definição de um jornalista e não é por acaso que a primeira metade do filme tem lugar nos anos 70. Foi neste decénio que a pornografia saiu da toca e foi autorizada em muitos países, tornando-se em breve uma poderosa indústria, que apresentava esta forma suprema de manipulação como uma forma de libertação, como se a indústria pornográfica fosse uma consequência da revolução sexual dos anos 60 (a tolerância em relação à pornografia, esta sim, era-o). Foram inventadas as *sex shops* e a partir de 1972 passaram a existir cinemas especializados em filmes pornográficos. **Boogie Nights** (*boogie* é um tipo de dança, mas também significa, informa-nos o Urban Dictionary, *participar de festas onde há drogas ou ter um estilo de vida imoral ou vícios destrutivos*) mostra os bastidores deste mundo. Também é, como tantos filmes americanos, mesmo os que são situados na indústria pornográfica, um filme à glória da família, sob as suas diversas formas. De certa forma, o filme poderia chegar ao fim na festa que culmina em catástrofe e assinala um simbólico "fim de festa", mas o realizador teve a ambição de construir um díptico e esteve à altura da sua ambição. Como numa comédia clássica, os personagens estão caracterizados com muita nitidez: a jovem de patins, o homossexual com um *béguin* não correspondido, a ninfomaníaca exibicionista e o seu marido passivo, o simpático desastrado (o negro), o incompetente simpático (o porto-riquenho), o realizador paternalista e profissional (chama-se Horner, o que não está muito longe de *horny*, que significa "em ereção"), o produtor nada santo e bonacheirão (que responde pela alcunha de Coronel, como outro célebre empresário), as vedetas que só têm fachada (o rapaz) ou que vivem dramas íntimos por detrás da fachada (a mulher). A estes alicerces clássicos junta-se uma narrativa polifónica, semelhante à dos filmes de Altman (**The Player, Short Cuts, Prêt à Porter**). O resultado é competente e astuto, um filme *cosido à mão*, como dizem os franceses das obras bem feitas, que não se esvai da memória do espectador ao fim da projecção.

Além de ser um filme sobre o *sonho americano*, a sua futilidade, o seu prosaísmo e a sua puerilidade, pois é um jogo perpétuo de aparências, **Boogie Nights** também é um filme sobre um outro jogo de aparências: o cinema. Afinal, o cinema pornográfico reproduz todos os esquemas do "outro" cinema. Note-se o diálogo em que é dito que a chegada do vídeo à pornografia foi o "fim da arte" neste cinema. A frase poderia ser dita pelo programador de um cinema de filmes de autor. Tal como o "verdadeiro" cinema, o cinema pornográfico tem os seus géneros, tão variados quanto as fantasias sexuais masculinas, mas também reproduz, com humor, géneros do cinema clássico (*western, peplum, artes marciais, ficção científica, horror, comédia* e até clássicos do teatro isabelino). Tem evidentemente as suas *stars* e as suas cerimónias anuais de prémios. Mas a verdadeira vedeta de qualquer filme pornográfico é o órgão sexual masculino, a tal ponto que os planos de orgasmo masculino são chamados *planos com os quais se ganha dinheiro* (*money shots*) e a glória suprema de um *modelo* (como diz elegantemente a indústria pornográfica) é ter o seu pénis reproduzido em plástico e vendido numa loja especializada. Por isto, na cena final, Mark Wahlberg (célebre nos anos 80 e 90 como Marky Mark, *top model* de cuecas de luxo, que sugeriam o seu conteúdo sem jamais mostrá-lo) desabotoa as calças e diz diante do espelho: "*I'm a star.*" Mas bem sabe que a *star* em questão não é ele e sim o seu pénis, *star* de todos os filmes que estão por detrás de **Boogie Nights**.

Antonio Rodrigues